



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – UFJF  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PEDAGOGIA

FRANCIELE APARECIDA FIRMINO DIAS

**PIBID ALFABETIZAÇÃO 2020-2022: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Juiz de Fora  
2022

FRANCIELE APARECIDA FIRMINO DIAS

**PIBID ALFABETIZAÇÃO 2020-2022: UM RELATO DE  
EXPERIÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Faculdade de Educação da  
Universidade Federal de Juiz de Fora,  
como requisito parcial para obtenção da  
licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Mylene Cristina Santiago

Juiz de Fora  
2022



## **AGRADECIMENTOS**

Chegar a este momento suscita muitos sentimentos, mas digo com toda convicção que são os melhores possíveis. Não há espaço para queixas, somente gratidão por todos/as aqueles/as que contribuíram de alguma forma neste processo de formação.

Gratidão aos professores coordenadores, Jader, Mylene e Suzana pelo compromisso e preocupação em conduzir-nos no subprojeto PIBID Alfabetização através de propostas que a cada encontro instigavam a alcançarmos nosso potencial máximo. Agradecimentos às professoras Giovana e Silvânia pela generosidade em compartilhar conosco suas experiências e vulnerabilidades nos acolhendo com respeito e paciência, permitindo-nos sentirmos colegas de profissão. Gratidão também aos colegas bolsistas com os quais desde este período de formação nos dão amostras dos bons profissionais que se tornarão, o que é uma grande inspiração.

E por último, mas, sem sombra de dúvida, não menos importante, agradeço pelo fôlego de vida Àquele que tem sido meu principal auxílio nesta jornada e que diz que assim como os céus são mais altos que a terra, assim são os Seus pensamentos e caminhos, muito mais altos que os meus. (Isaías, 55: 9 – Bíblia Sagrada)

## **RESUMO**

Este trabalho de conclusão de curso trata-se de um relato de experiência sobre o processo formativo vivenciado no subprojeto Alfabetização do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) considerando o contexto pandêmico da COVID-19 enfrentado pelo mundo no período de 2020-2022. O objetivo é registrar e compartilhar um recorte dos aprendizados construídos ao longo da trajetória do programa, por meio dos estudos e interações promovidas entre todo o grupo durante as reuniões virtuais tendo como principal referencial teórico Moraes (2012) e Soares (2021), pesquisadores referência no assunto alfabetização no Brasil. Apesar da impossibilidade da proximidade física do ambiente escolar, característica que constitui a essência do PIBID, o subprojeto Alfabetização representou, sobretudo, uma bússola com direcionamentos teóricos e práticos que conferem respaldo para as ações pedagógicas frente ao desafio da alfabetização e letramento em nosso país, enfatizando a importância dessa política pública de parceria entre as universidades e a educação básica para a formação inicial de professoras/es.

**Palavras-chave:** Covid-19. PIBID. Alfabetização.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Jogo produzido e apresentado pelas bolsistas Maria Bheatriz e Isabela Dias .....	20
Figura 2 – Jogo produzido e apresentado pela bolsista Franciele Dias.....	20
Figura 3 – Jogo produzido por meio do site Wordwall pela bolsista Gabriela.....	22
Figura 4 – Jogo desenvolvido no site Wordwall pela bolsista Geovana Demétrio.....	22
Figura 5 – Jogo construído pela bolsista Marcele no site Wordwall.....	23
Figura 6 – Produção do jogo feita pela bolsista Giovanna no site Wordwall.....	23
Figura 7 – Imagens da página do PIBID Alfabetização UFJF na rede social Instagram.....	24
Figura 8 – Capas das primeiras sequências didáticas produzidas pelos agrupamentos “Oswaldo Veloso” e “Mariano Procópio”.....	25
Figura 9 – Sequência didática do grupo “Mariano Procópio”.....	26
Figura 10 - Imagens da sequência didática produzida pelo grupo “Oswaldo Veloso”.....	26
Figura 11 – Imagens da sequência didática produzida pelo grupo “Oswaldo Veloso” .....	27
Figura 12 – atividades em sequência.....	28
Figura 13 – Atividades em sequência .....	28
Figura 14 - Quadro de propriedades do SEA para ser usado como parâmetro para a análise e escolha dos livros didáticos .....	34

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>CONHECENDO O PIBID: EXPERIÊNCIAS INICIAIS.....</b>	<b>9</b>
	2.1 Acessando alguns arquivos da memória sobre meu processo de Alfabetização .....	12
<b>3</b>	<b>PROCESSOS FORMATIVOS COM FOCO NA ALFABETIZAÇÃO: ARTICULANDO REFERENCIAL TEÓRICO E DISCUSSÕES.....</b>	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS E ALIMENTAÇÃO DA REDE SOCIAL INSTAGRAM.....</b>	<b>19</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>
	<b>ANEXO.....</b>	<b>34</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ano de 2020 marcou a humanidade. Em março, no Brasil, foi constatado o primeiro óbito em decorrência da infecção com o coronavírus - SARS-Cov-2 – (G1, 2020), uma enfermidade amplamente disseminada pelo mundo que até ao término da escrita deste trabalho de conclusão de curso, no fim do mês de julho de 2022, já havia ceifado 678.514 vidas somente em nosso país (BRASIL, 2022).

De súbito, tivemos que adequarmos a uma nova realidade de vida em que o álcool em gel e a máscara facial se tornaram indispensáveis como medidas de proteção, e o distanciamento das pessoas, a nova etiqueta social.

Todas as camadas da sociedade, de alguma forma, foram afetadas. Algumas, muito mais que as outras devido às disparidades sociais que reinam no Brasil e foram escancaradas com os reflexos da Pandemia da Covid-19. Na educação não seria diferente. A universalização do acesso à escola para as classes populares, que já era uma meta desafiadora para o Plano Nacional de Educação, desfaleceu demonstrando sua fragilidade através das dificuldades encontradas pelos filhos e filhas da classe trabalhadora de acesso à internet e aos meios tecnológicos, formas mais viáveis e possíveis de proximidade com a escola diante da situação emergencial enfrentada. Apesar de sabermos que só daqui a algum tempo teremos uma real dimensão dos danos causados, os estudantes da educação básica de escolas públicas, sem sombra de dúvidas, foram os mais prejudicados.

Em meio ao turbilhão de situações e sentimentos que a Covid-19 causou, logo no início de 2020, em 28 de junho, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, que na ocasião já realizava algumas atividades administrativas de forma remota, foi publicado o edital para seleção de alunos bolsistas com o objetivo de atuarem no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto Alfabetização.

O PIBID está vinculado a uma Política Nacional do Ministério da Educação (MEC) para formação de professores que promove a aproximação dos bolsistas, discentes das licenciaturas, do contexto escolar promovendo a articulação entre teoria e prática e a valorização do magistério. Como objetivo, o programa visa fomentar a formação de docentes no ensino superior para atuarem na educação básica, possibilitando a interação entre esses dois níveis da educação. A imersão promovida pelo contato das/os licenciandas/os com a realidade das escolas resulta num agir reflexivamente impulsionado pela busca de soluções para os problemas do processo de ensino e aprendizagem. Outro aspecto relevante diz respeito à possibilidade das

(os) docentes, atuantes na profissão, exercerem um papel fundamental contribuindo na formação e preparo de futuras(os) professoras(es) e receberem contribuições para a reflexão de sua própria prática docente por meio das trocas alcançadas nas discussões em grupo (BRASIL, 2020).

A adesão ao PIBID tem início quando as instituições de educação superior, pública ou privada, submetem seus projetos, contemplando a iniciação à docência, a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), fundação do Ministério da Educação, que, por sua vez, concede bolsas às instituições selecionadas para os participantes do projeto em quatro modalidades: iniciação à docência (discente da licenciatura); professor/a supervisor/a (docente da educação básica); coordenador/a de área e coordenação institucional.

Sendo assim, em meados de julho de 2020, ainda com muitas incertezas quanto à possibilidade de retorno presencial das atividades, começamos nossa caminhada como selecionados para a missão do subprojeto PIBID Alfabetização. O grupo foi composto pelo total de dezesseis bolsistas e uma voluntária, discentes do curso de Pedagogia, duas supervisoras nas escolas conveniadas, Giovana Callian, professora de uma turma de primeiro ano da Escola Estadual Mariano Procópio da rede pública estadual de Minas Gerais, e Silvania Andrade, que atua na Escola Municipal Professor Oswaldo Veloso, na rede pública municipal de Juiz de Fora. Nossa equipe estava sob a coordenação das professoras da graduação Mylene Santiago e Suzana Vargas, juntamente com o também docente da Faculdade de Educação – UFJF, Jader Moreira.

Lembro-me que na entrevista virtual de seleção, quando tive a oportunidade de fazer uma pergunta para a banca, indaguei aos professores coordenadores sobre a razão dos três estarem juntos nesta parceria para o PIBID alfabetização, dada as diferentes áreas de pesquisa em que atuam, eles me responderam que ainda descobririam. Talvez, um pouco ingênua, não alcancei no momento as oportunidades de aprendizagens que os diferentes saberes em torno de um único propósito, os estudos sobre alfabetização, nos possibilitaria.

A alfabetização, de acordo com a professora e pesquisadora Magda Soares, “(...) deve ser entendida como um componente, entre muitos outros, da conquista, pela população de seus direitos sociais, civis e políticos.” (Soares, 2017, p. 172). No entanto, temos acompanhado um fracasso recorrente no processo de apropriação do sistema de escrita alfabética que não se concretiza para uma parte considerável dos estudantes de escolas públicas do país, conforme os dados de avaliações externas que são sempre denunciados nas mídias. Considerando isso, entendemos a importância de um programa de iniciação à docência que privilegie esse tema e contribua na formação de professoras/es para que tenham melhores condições na tomada de

decisões em suas práticas pedagógicas, baseando-se em conhecimentos construídos ao longo da história, com intencionalidade, de modo que consigamos reverter a reiterada situação.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso é relatar a experiência vivenciada no processo formativo do subprojeto PIBID Alfabetização através dos estudos e interações promovidas entre todo o grupo durante as reuniões virtuais, bem como, as atividades propostas ao longo da trajetória, buscando registrar e compartilhar um recorte dos aprendizados construídos através do programa enaltecendo o valor desta política pública no que concerne à educação.

Na primeira parte deste texto intitulada *Conhecendo o PIBID: experiências iniciais*, apresento o contato inicial do grupo, a organização das nossas atividades diante das impossibilidades trazidas pelo distanciamento social, assim como o início do percurso de construção de conhecimentos no PIBID Alfabetização. Registro também as memórias da minha fase de alfabetização em uma subseção.

Quanto à segunda seção nomeada *Processos formativos com foco na alfabetização: articulando referencial teórico e discussões* a intenção foi trazer as contribuições de dois autores referência em alfabetização no Brasil que substanciaram nossas discussões, Artur Gomes de Moraes e Magda Soares, relacionando com questões levantadas nos diálogos durante nossas reuniões.

Como terceira e última seção, denominada *Produção de materiais didáticos e alimentação da rede social Instagram*, considerei pertinente expor uma parte dos frutos colhidos através de todo o processo no PIBID Alfabetização.

Por fim, expreso nas considerações finais a relevância para minha trajetória acadêmica de ter participado de um programa tão necessário como esse no que diz respeito à formação inicial de professores.

## 2 CONHECENDO O PIBID: EXPERIÊNCIAS INICIAIS

Reforçando o que já foi mencionado, o principal objetivo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é promover a inserção das/os bolsistas estudantes de licenciaturas da graduação nas práticas do ambiente escolar. Para tanto, seria necessário como atividades do programa, além das reuniões entre bolsistas, supervisores e coordenadores do subprojeto, estarmos presencialmente nas escolas conveniadas. Contudo, diante de um projeto com tais características, foi necessário pensar como se daria o desenvolvimento deste ao passo que vivíamos uma pandemia e, por esse motivo, as escolas permaneciam fechadas atuando, conforme as possibilidades, remotamente.

Considerando a situação, nossas reuniões aconteceram de forma virtual, semanalmente. Desenvolvíamos atividades como o fichamento dos capítulos das obras estudadas, atas dos encontros, apresentação de leituras para deleite, produção de materiais didáticos e alimentação de uma página na rede social Instagram criada, especificamente, para o PIBID Alfabetização. Desde o início das reuniões em 2020 até o final do programa, em março de 2022, não foi possível estabelecer um contato mais direto com os alunos e alunas das duas escolas conveniadas ao programa.

No dia 29 de setembro de 2020 nós, bolsistas de iniciação à docência, os coordenadores e supervisoras, apresentamo-nos através das telas. Para início de conversa assistimos a um curta chamado “A Casa de Pequenos Cubinhos” cujo tema era memórias. Em meio a um período de construção de tristes memórias para a humanidade, o curta nos encorajava a evocar lembranças que nos trouxessem esperança e inspiração para continuar.

Ancorados na esperança, demos início às atividades do programa através da visita virtual ao grupo PIBID Alfabetização da professora Maria Cristina Corais que apresentou sua tese de doutorado orientada pela professora titular da Faculdade de Educação da UFF (Universidade Federal Fluminense), Doutora Cecília Maria Aldigueri Goulart. A tese está alicerçada, principalmente, nos teóricos Mikhail Bakhtin e Lev S. Vigotski, além de reportar aos estudos de Ana Luiza Bustamante Smolka, que tem como foco de sua pesquisa a aprendizagem da língua escrita tendo por base a interação e a discursividade.

Corais (2018, p. 29), em sua escrita, traz o relato de uma professora que chama a atenção

(...) naquela semana estava trabalhando com a “família silábica” do “fa, fe, fi, fo, fu” e havia colocado no quadro a seguinte frase: “A fada é feia”, para explorar bem palavras com “F”. Um de seus alunos se levanta e diz: “Tia, você errou!”. Preocupada,

olha para o quadro buscando o que teria grafado errado e ao perguntar ao aluno onde errou, ele responde. “Ali, óh Tia! A fada não é feia, a fada é bonita!”.

Esse trecho do texto merece destaque porque explicita bem uma das questões que a autora trata em sua tese quando diz sobre as práticas das/os docentes em sala de aula serem perpassadas por suas próprias concepções sobre linguagem, processos de ensino e sujeito de aprendizagem (Corais, 2018). Na situação apresentada anteriormente, o aluno é concebido como um sujeito passivo no processo de ensino e aprendizagem, diferindo, assim, dos pressupostos piagetianos com os quais também concordamos

O sujeito que conhecemos através da teoria de Piaget é um sujeito que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia, e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito que espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele, por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo, e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza o mundo. (CORAI, 2018 p. 36 apud FERREIRO e TEBEROSKY, 1985, p.36)

Nessa mesma direção, a professora Angela Vidal, que faz parte do grupo de pesquisa coordenado também pela professora Dra. Cecília Goulart, em uma live, assistida durante as atividades do grupo PIBID Alfabetização, resume o que já foi explanado até aqui: “O pensamento infantil é um pensamento complexo, precisamos respeitar e considerar sua inteligência.” (IIIIV Na Roda, 2020). Considerando essa afirmação, no excerto, a fala da criança “A fada não é feia, a fada é bonita!”, originada da relação que o aluno faz com aquilo que ele conhece sobre fadas como sendo seres bondosos e bonitos, demonstra sua compreensão do texto para além de uma perspectiva reducionista que tenta inserir em uma única frase duas palavras da mesma “família silábica” e trata isso como suficiente sem considerar a dimensão do significado da escrita. O questionamento do aluno diante daquela situação ilustra e reforça os argumentos da professora Angela Vidal.

Dessa forma, começamos nossas reflexões sobre alfabetização tocando em um ponto importante para o papel de mediação da/o professora/or: a concepção sobre o sujeito e o processo de ensino e aprendizagem. O foco não deve ser o que falta nos alunos, mas sim na potência de cada ser humano.

Do mesmo modo, as concepções de infâncias também intrínsecas a este processo, precisam ser levadas em conta. Conforme o apanhado histórico feito por Lopes e Vasconcelos (2005), foi a partir do século XVII, com a ascensão da burguesia, que surge o termo moderno infância. Através de uma nova reorganização familiar em torno da criança, esta começa a ser enxergada por uma lente imaculada.

Concomitantemente a esse período, é criada a escola com a qual as famílias dividiriam a responsabilidade de preparação da criança para a vida adulta. No entanto, é com os avanços na área da comunicação, especificamente o aparecimento da imprensa, que se enfatiza a separação da vida adulta da infância por meio da conquista do saber ler. Mais à frente, com as contribuições de alguns autores como Freud, Dewey e Piaget em decorrência de estudos sobre infância, o termo torna-se científico. Sendo assim, os autores do artigo problematizam a concepção de infância discorrendo que

“O sentido de infância é atravessado, dessa forma, pelas dimensões do espaço e do tempo que ao se agregarem com o grupo social produzem diferentes arranjos culturais e diferentes formas de ser criança, traços simbólicos carregados por toda vida. Cada sujeito é atravessado por essas dimensões que lhes definem um lugar e uma condição social no espaço e no tempo. Cada grupo social não só elabora dimensões culturais que tornam possível a emergência de uma subjetividade infantil relativa a esse local, mas também designa existência de espaços físicos que materializam essa condição.” (LOPES, VASCONCELLOS, 2005, p. 28)

Levando em conta as considerações de Lopes e Vasconcellos (2005) e as discussões no grupo do PIBID Alfabetização, é possível perceber que os significados de criança e infância ocupam lados opostos de uma mesma moeda, uma vez que não são sinônimos. A ideia de infância protegida e preparatória que se tornou hegemônica desde o século XVII para uma determinada classe, exclui as diversas infâncias nas quais as crianças do Brasil e do mundo estão inseridas. Haja vista que, mesmo não sendo a mais desejada, toda criança vivencia uma infância. Dessa forma, cabe a nós considerarmos e acolhermos a pluralidade dessas infâncias.

Pensando nisso, e trazendo para o nosso foco de estudo, também temos as teorias de alfabetização, que não são neutras, mas sim, encharcadas por uma concepção dominante de infância que rege a prática pedagógica e que, muitas vezes, não abarca as especificidades das infâncias dos alunos aos quais atende. Portanto, é preciso haver uma indagação de todo o corpo que compõe a escola, principalmente das/os professoras/es alfabetizadoras/es, sobre quais as interações estão sendo desenvolvidas nas salas de aula com as crianças que habitam este leque de infâncias.

Atentando para as concepções atreladas ao processo de alfabetização e com o objetivo de mapearmos as concepções de ensino e aprendizagem por trás do nosso próprio processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, os coordenadores propuseram que resgatássemos lembranças desse período de nossas vidas e a registrássemos para serem compartilhadas.

Quando a atividade foi proposta eu fiquei preocupada, pois não conseguia pensar no que iria escrever. Tenho pouquíssimas lembranças do meu processo de alfabetização e mesmo recorrendo à minha mãe, não tive muito êxito, pois ela também pouco lembrava. Porém, a

necessidade de buscar recordações bem no fundo do baú das minhas memórias para a escrita do relato acabou, de certa forma, tornando-se um gatilho para alguns “flashes” na minha cabeça.

## 2.1 ACESSANDO ALGUNS ARQUIVOS DA MEMÓRIA SOBRE O MEU PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Minha jornada escolar teve início numa escola de área rural, no município de Antônio Carlos-MG, na localidade de Parada Araújo onde morei até os dezessete anos. Escola Municipal Coronel José Gonçalves de Araújo é o seu nome. Lá estive do pré-escolar até a quarta série, atual quinto ano, que concluí em 2001. Estudaram nesta escola também minha mãe, meus tios e alguns dos meus primos e primas. Depois de algumas reformas, o colégio ainda continua lá atendendo à comunidade.

Com mais clareza, lembro-me da minha professora que se chama Andréia (ou chamava, infelizmente, hoje, não tenho informações sobre ela). Ela tinha uma voz muito delicada que, por incrível que pareça, ficava ainda mais aguda quando estava brava. Outra característica da braveza dela era juntar as sobranceiras. Eu faço muito parecido quando também estou nessa situação, o que é engraçado, pois, já adulta, até o momento, nunca tinha feito essa associação.

Sei também que fui alfabetizada com cartilha. Lembrei da minha dificuldade em associar o Xale do “X” com a imagem da vovó. Para mim não fazia sentido, simplesmente, porque não sabia do que se tratava o tal xale, e era esse o foco da ilustração da cartilha, e não a vovó. Daí a importância que precisa ser dada até em relação às ilustrações nas atividades de alfabetização.

Outra lembrança (traumática) dessa fase era a dificuldade que eu tinha de copiar textos do quadro. Sempre era uma das últimas a terminar e ganhei o apelido de tartaruga pelos colegas. Isso me chateava bastante.

Uma informação que considero importante registrar é em relação à minha falta de contato com a literatura desde a mais tenra idade. Seja no âmbito familiar como no escolar, as oportunidades foram quase inexistentes o que, claro, repercutiu no decorrer de minha formação leitora.

Por fim, a lembrança mais aconchegante que alcancei dessa época e me fez pensar na importância da alfabetização, na perspectiva de uma criança, foi de quando comecei a fazer minhas primeiras leituras. A imagem que veio à minha memória foi de mim mesma, assentada

no banco do ônibus que nos levava pra “cidade”, tentando ler cada letreiro que passava como se fossem páginas pela janela. Naquele momento pensava “agora sim, sou gente grande”.

Dito isso e analisando o relato feito de minhas lembranças e os dos demais colegas do grupo PIBID Alfabetização, considerando a diversidade de idades de todos os integrantes, chegamos à algumas conclusões. A primeira diz respeito aos alfabetizados nas décadas de 80 e 90, percebemos um predomínio de educação tecnicista, enquanto os nascidos a partir dos anos 2000 passaram por uma educação de perspectiva mais autoral.

É possível notar como segundo ponto uma estima maior pela leitura e a escrita dos jovens alfabetizados ao final do século XX e início de XXI, provenientes, inclusive, de instituições públicas. Tal situação pode ser explicada como resultado da distribuição de acervos de obras de literatura para escolas públicas por meio de programas como o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) desenvolvido a partir 1997 no Brasil.

### **3 PROCESSOS FORMATIVOS COM FOCO NA ALFABETIZAÇÃO: ARTICULANDO REFERENCIAL TEÓRICO E DISCUSSÕES**

Ainda num contexto pandêmico, porém com o sopro de esperança proporcionado pela expectativa da vacinação contra o Covid-19, começamos 2021 com o objetivo de nos nutrirmos de conhecimento, enquanto esperávamos em algum momento estarmos presencialmente nas escolas. Iniciamos a leitura e discussão do livro *Sistema de escrita alfabética* de Arthur Gomes de Moraes. O autor é psicólogo, mestre em Psicologia Cognitiva pela UFPE e doutor em

Psicologia pela Universidade de Barcelona, além de professor e pesquisador atuante na área de educação e linguagem.

De forma muito esclarecedora, o autor aborda no livro os processos que envolvem a alfabetização atrelando teoria e prática. É interessante perceber a franqueza e a humildade de Morais (2012) já na introdução do livro quando expõe a sua intenção com a obra que não é apresentar um novo método mega, ultrapotente para alfabetização, como muitas pessoas esperariam, mas sim “superar partidarismos teóricos” (MORAIS, 2012, p. 15) com informações que julga pertinentes ao processo de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

No livro, Morais (2012) faz questão de dizer que adota o termo metodologias (no plural) de alfabetização, muito possivelmente, pelo sentido estereotipado que foi atribuído à palavra método, e por muitos ainda é conservado. Porém, Magda Soares, reconhecida especialista na área que também faz parte do referencial teórico para esta escrita, define em um de seus livros, uma concepção para a palavra método caracterizada pela “[...] soma de ações baseadas em um conjunto coerente de princípios ou de hipóteses psicológicas, linguísticas, pedagógicas, que respondem a objetivos determinados.” (SOARES, 2017, p. 127), certamente, convergindo para o sentido de metodologias que Arthur Gomes de Morais defende.

Já no início da leitura da obra, tivemos a oportunidade de refletirmos sobre as perspectivas que orientam os métodos tradicionais de alfabetização. Muitas vezes, estes, submetem os alunos a exaustivas memorizações sem a devida compreensão do sistema de escrita alfabética, concebendo-os como lugares de depósito de informações, desconsiderando e/ou desconhecendo o seu processo de aprendizagem.

No entanto, entender a gênese do processo de apropriação do sistema de escrita alfabética é essencial, pois nos possibilita perceber os saltos do desenvolvimento da criança e, também, a forma como podemos atuar naquilo que ela ainda não consegue sozinha para que avance, lançando mão das estratégias disponíveis.

Além disso, Morais (2012) salienta que os métodos antigos cometem equívocos quanto ao objeto de conhecimento, o SEA, considerando-o como um código e não um sistema notacional, ou seja, “(...) as letras representam ou notam a pauta sonora das palavras (...)” (MORAIS, 2012, p.49). A grande questão é que as crianças não nascem sabendo disso, é um “enigma” que precisa ser descortinado por elas, principalmente, com a ajuda da/o professora/or na escola.

O mistério começa a ser revelado através do desenvolvimento, pela criança, de habilidades fonológicas que Soares (2021, p. 75) resume como “(...) capacidade de prestar

atenção no *som* das palavras (...)” não se desenvolvem em função de um relógio biológico, mas sim através de atividades que promovam a reflexão sobre as partes orais e escritas das palavras.

Considerando isso, Morais (2012) enfatiza o trabalho com textos poéticos já conhecidos pelas crianças, cantigas, rimas, parlendas e trava-línguas para o desenvolvimento dessas habilidades. Lembrando que, apesar de serem importantes, somente esses gêneros textuais, não são suficientes quando pensamos em letramento, isso porque, as experiências que as crianças vivenciam com a escrita no mundo são reais e não artificiais, como sugerem os pseudotextos (textos criados especificamente para alfabetização, geralmente encontrados em cartilhas antigas). Muito pelo contrário, a proposta é possibilitarmos o contato dos alunos e alunas com textos diversos que as/os permitam refletir sobre palavras, sílabas e as partes menores, os fonemas, além de terem acesso aos usos e funções sociais da escrita.

Sendo assim, a/o aluna/o vai reconstruir as propriedades do SEA passando por níveis ou etapas (psicogênese da escrita) até ser alfabetizada/o. Resumidamente, durante a fase denominada pré-silábica a criança não diferencia desenho de letras, faz rabiscos e garatujas imitando a escrita de uma pessoa alfabetizada. Na fase silábica, a criança começa a entender que escrevemos usando letras, e, inicialmente, usa letras aleatórias para representar cada parte ou sílaba da palavra. Posteriormente, a criança avança para o nível silábico-alfabético, em que continua escrevendo uma letra para cada sílaba da palavra, porém, agora, não de forma aleatória, mas com correspondência sonora. Finalmente, chega à fase alfabética em que consegue distinguir mais de um fonema nas sílabas que constituem uma palavra.

No entanto, Conforme Morais (2012), não podemos confundir uma criança ter avançado para a hipótese alfabética com estar alfabetizada. Esta última requer um conjunto de habilidades como, dominar as convenções fonema-grafema, além de gêneros textuais diversos e escrever pequenos textos de forma autônoma, conforme acrescentou uma das coordenadoras do PIBID Alfabetização em nossas discussões. A escrita de palavras, apenas, não garante que a criança esteja alfabetizada.

Dessa forma, alfabetização e letramento caminhando de mãos dadas evidenciam

“(…) que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita.” (SOARES, 2021, p. 27)

Como estratégia de atividades para promover os avanços de hipóteses da escrita pela criança, além dos textos poéticos, Morais (2012) também cita os jogos de alfabetização como

um recurso importante, quando se tem boa mediação por parte das/os professoras/es, promovendo intervenções potentes que incitem a reflexão sobre o SEA pelos pequenos.

Ainda, no que diz respeito à questão dos jogos, foi lembrado durante nossa conversa no grupo PIBID Alfabetização de um período muito próspero para a educação (por volta de 2008) no qual houve investimentos do Governo Federal em recursos pedagógicos para as escolas públicas e formação continuada de professores que ampliaram as possibilidades de conhecimento e trabalho nas turmas de alfabetização.

Avançando um pouco mais nos estudos, quando questionados sobre suas posições em relação à inserção de uma reflexão sobre o SEA com as crianças no final da educação infantil, os professores coordenadores do PIBID se manifestaram favoráveis em concordância com Artur Gomes de Moraes já que esta etapa não está descolada do ensino fundamental e ambas estão inseridas na educação básica. Claro que, o ambiente da educação infantil não precisa ter um caráter preparatório para as demais fases, porém, pode haver, sim, uma intencionalidade nas estratégias para o desenvolvimento das crianças.

É bom pensar que este ambiente da educação infantil pode favorecer o letramento dos pequenos para que comecem a compreender a função social da escrita. Os alunos da escola pública, principalmente, não devem ser privados disso, pois, possivelmente, será na escola o local onde terão mais chances de contato com suportes de texto como, por exemplo, o livro de literatura infantil.

Voltando à questão das práticas pedagógicas, Moraes (2012) reforça o que já foi mencionado no início deste trabalho quanto as opções didáticas elencadas pelos professores dependerem muito de suas concepções de mundo ligadas a ideologias e filosofias de vida. Além disso, o autor mostra-se adepto a perspectiva construtivista por entender que é a que melhor explica o processo de apropriação do SEA e está ligada a princípios para a formação de pessoas críticas, criadoras, que se direcionam por princípios éticos e de justiça social e precisam ter suas singularidades respeitadas no desenvolvimento de suas aprendizagens.

Discorreremos em reuniões do grupo, ainda, sobre a qualidade da mediação da professora que se dá através de uma prática reflexiva, organizada, com planejamentos de curto e longo prazo. O conhecimento de metas contidas em documentos oficiais como o Pró-letramento (BRASIL, 2008), “endossadas por especialistas de importantes universidades públicas de nosso país que se dedicam à alfabetização [...]” (MORAIS, 2012, p. 127) se faz um grande norteador e avaliador das aprendizagens dos alunos ao final de cada um dos três primeiros anos do ensino fundamental, aos quais a professora, no desempenho de seu trabalho, precisa estar atenta.

Inclusive, em nossas discussões, a palavra planejamento foi central quando pensamos na concretização de todo o trabalho na alfabetização. Sendo assim, envolve também uma ação coletiva em que cada um assuma o seu lugar de forma responsiva, principalmente no âmbito da escola pública, cujo fracasso na alfabetização ainda é tão contumaz, mesmo esta tendo uma organização quanto ao horário e tempo para planejamento disponibilizado às professoras e professores que supere em quantidade o das escolas privadas.

Dessa forma, a preparação do ambiente escolar não é menos importante. Precisa haver intencionalidade na promoção de um espaço que seja um documento dos que vivem ali, com produções das próprias crianças, que expressem suas vivências na sala de aula.

Quando falamos em planejamento é preciso pensar que as avaliações também fazem parte desse processo. Alguns aspectos interessantes devem ser observados nas avaliações dos conhecimentos conceituais e convencionais do SEA pelos alunos, no entanto, destaco a consideração geral de que as avaliações precisam ser coerentes com as metodologias de ensino do SEA utilizadas, bem como servir de parâmetro para a adequação das atividades às singularidades dos alunos (MORAIS, 2012).

Mais à frente tocamos em dois pontos polêmicos. O primeiro refere-se ao uso de livro didático que, de acordo com as discussões no grupo, pode servir como um apoio, mas não deve substituir o contato das crianças com os suportes textuais. A preferência deve ser por livros consumíveis, ou seja, àqueles para o uso e anotações dos alunos e alunas, que não precisam ser devolvidos para a escola ao final do ano. A respeito disso, o uso do quadro de propriedades do SEA (MORAIS, 2012, p. 51), que o aluno precisa reconstruir para ser alfabetizado, conforme anexo, foi sugerido por uma das professoras coordenadoras em nossa reunião como parâmetro para a análise e escolha dos livros didáticos.

O segundo ponto está relacionado ao ensino da letra cursiva. Assim como o autor (Morais, 2012), no grupo PIBID Alfabetização reconhecemos que a letra bastão ou de imprensa maiúscula facilita a alfabetização, no entanto, não dispensa o contato das crianças com outros tipos de letras. A inserção da letra cursiva vai depender do nível de compreensão do SEA que o aluno estiver e do desenvolvimento de suas habilidades motoras, cooperando para um melhor domínio do traçado, refletindo na qualidade da sua escrita.

Ainda sobre esse assunto, uma das supervisoras do subprojeto, Giovana, professora alfabetizadora da rede pública estadual, compartilhou conosco uma situação vivenciada por ela e um de seus alunos que, ao escrever, mescla letra bastão com a cursiva gerando uma dúvida na docente sobre qual deveria ser seu procedimento diante do impasse. No grupo PIBID, ela foi

orientada a não tolher o aluno, mas sim propiciar situações, atividades que lhe permitiriam ampliar e consolidar o conhecimento do formato da letra cursiva. Ocasão bastante oportuna de aprendizado para todo o grupo que lidará com situações como essa ao longo da vida profissional.

Avançando um pouco mais, sobre o ensino de gramática, Moraes (2012) defende, veementemente, que os três primeiros anos do ensino fundamental não devem ser usados para que os alunos façam tais decorebas. No que diz respeito à ortografia, o autor comenta que um ensino mais sistemático deve ocorrer depois que as crianças estiverem com mais autonomia para a leitura e a escrita de pequenos textos, entre o final do segundo e início do terceiro ano do ensino fundamental. Conforme Soares (2021) tal aprendizagem, que nesta fase acontece de forma inicial, se alongará até o final do ensino fundamental.

#### **4 PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS E ALIMENTAÇÃO DA REDE SOCIAL INSTAGRAM**

Mesmo impossibilitados de estabelecermos uma interação com os alunos e alunas das escolas conveniadas ao projeto, nosso trabalho não ficou estacionado. A base teórica com a qual estávamos tendo contato deu sustentação para o planejamento e a construção de materiais didáticos que, inicialmente, serviria para exercitarmos a materialização dos conhecimentos apreendidos, passando em seguida pela análise e discussão no próprio grupo PIBID Alfabetização para o aperfeiçoamento das propostas.

A princípio, tivemos como inspiração o material *Manual Jogos de Alfabetização CEEL*, elaborado pelo Centro de Estudos em Educação e Linguagem da Universidade Federal de Pernambuco. Trata-se de um trabalho desenvolvido para a formação continuada de professores, dispondo de sugestões de material didático que auxilia o processo de ensino e aprendizagem do sistema de escrita alfabética.

De forma individual ou em duplas produzimos e apresentamos ao grupo PIBID Alfabetização jogos com o objetivo de cooperar no processo de apropriação do sistema de escrita alfabética das/os alunas/os. Conforme sugere o próprio texto de apresentação do material do CEEL, fizemos algumas releituras, adaptações e até mesmo produções inéditas de jogos através de recursos digitais como o Power Point ou sites para construção de jogos virtuais, além de utilizarmos outros meios possíveis, como o impresso, tendo como referência para as propostas a dinâmica de ensino remoto adotada tanto na Escola Municipal Professor Oswaldo Veloso, quanto na Escola Estadual Mariano Procópio.

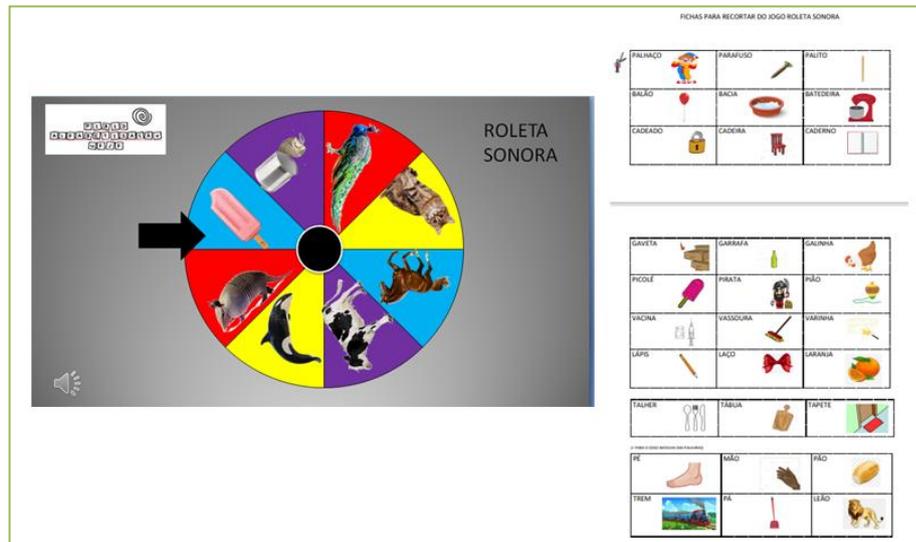
Ao final, contamos com uma diversidade de jogos que buscaram contemplar as etapas de hipóteses da escrita (conforme nos orienta a teoria da psicogênese da escrita: pré-silábico; silábico; silábico-alfabético e alfabético), com uma ação voltada para o avanço das alunas e alunos em seus conhecimentos sobre o sistema de escrita.

**Figura 1: Jogo produzido e apresentado pelas bolsistas Maria Bheatriz e Isabela Dias – Objetivo: desenvolvimento da consciência fonológica.**



Fonte: Material produzido no grupo PIBID Alfabetização 2020-2022

**Figura 2: Jogo produzido e apresentado pela bolsista Franciele Dias. O objetivo é o desenvolvimento da consciência fonológica através de palavras com mesmo som inicial (aliteração)**



Fonte: Material produzido no grupo PIBID Alfabetização 2020-2022.

A produção dos jogos mencionados reverberou, posteriormente, na construção de outros jogos virtuais que atenderiam aos alunos de alfabetização da Escola Municipal Professor Oswaldo Veloso. Nesta fase do subprojeto PIBID Alfabetização, o grupo total de bolsistas havia sido dividido em dois, cada um sob a responsabilidade de uma das professoras supervisoras, Silvânia ou Giovana. O intuito era acompanharmos, de acordo com as possibilidades do ensino remoto, as turmas de alfabetização das instituições conveniadas.

Na subdivisão do grupo, participei do que estava sendo orientado pela professora Silvânia. Sendo assim, a construção dos jogos online que enviamos para as alunas e alunos da Escola Municipal Professor Oswaldo Velloso foi, especialmente, desafiadora. Por conta das inúmeras e já conhecidas dificuldades das classes populares durante o período de pandemia da Covid-19 de acesso aos recursos digitais, não tínhamos como referência o diagnóstico real do nível de conceitualização da escrita feito pelos estudantes que, em sua maioria, não puderam ter o acompanhamento tão necessário em seu processo de apropriação do sistema de escrita alfabética. Sem contato com as crianças, a informação que possuíamos para a produção dos

jogos limitava-se ao assunto das atividades impressas que seriam enviadas às crianças na semana seguinte.

Diante da situação, nosso trabalho concentrou-se na produção de jogos virtuais que possibilitassem o desenvolvimento da consciência fonológica para que as crianças compreendessem a relação dos sons das palavras que falamos com a escrita, o que constitui um grande passo em direção a alfabetização. Também tínhamos a missão de adequarmos os jogos às metodologias utilizadas pela professora da turma, articulando com os conhecimentos que estávamos construindo ao longo do segundo ciclo de estudos no grupo PIBID sobre alfabetizar letrando (SOARES, 2021). Foi uma oportunidade de perceber com clareza a importância de diagnósticos constantes e a definição de metas claras a serem alcançadas pelas crianças como direcionamento para as ações da/o professora /or durante este processo.

**Figura 3: Jogo produzido por meio do site Wordwall pela bolsista Gabriela com foco no conhecimento das letras e desenvolvimento da consciência fonológica.**



Fonte: material produzido no grupo PIBID Alfabetização 2020-2022.

**Figura 4: Jogo desenvolvido no site Wordwall pela bolsista Geovana Demétrio com foco no desenvolvimento da interpretação e compreensão leitora.**



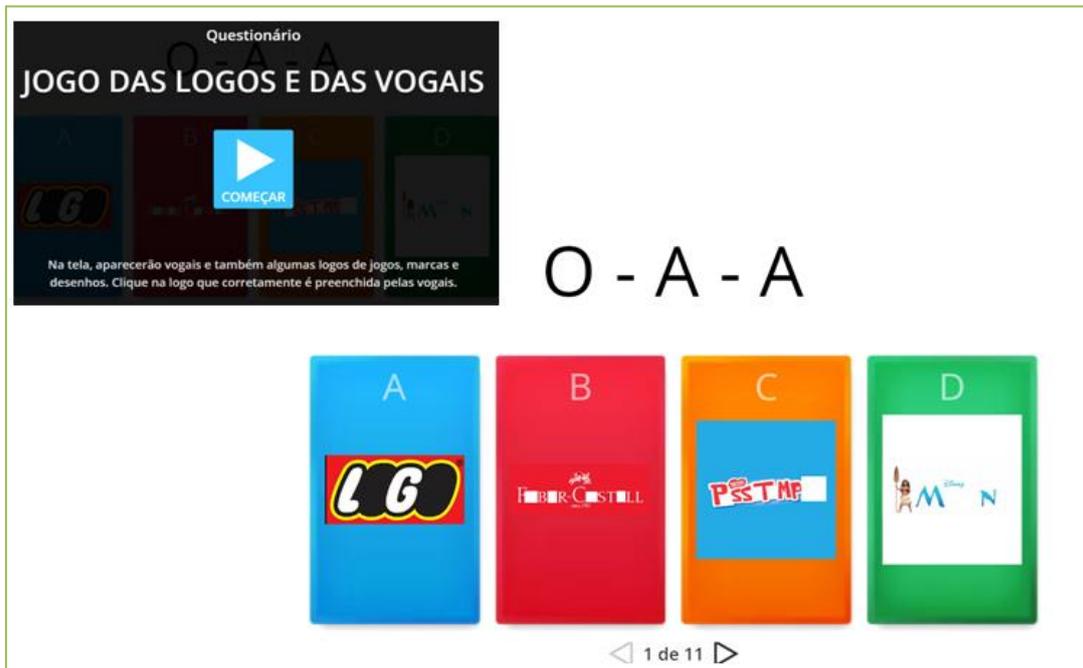
Fonte: material produzido no grupo PIBID Alfabetização 2020-2022.

**Figura 5: Jogo construído pela bolsista Marcele no site Wordwall, objetivando o desenvolvimento da consciência fonológica através do reconhecimento dos sons iniciais das palavras.**



Fonte: material produzido no grupo PIBID Alfabetização 2020-2022.

**Figura 6: Produção do jogo feita pela bolsista Giovanna no site Wordwall, para desenvolvimento da consciência fonológica através do reconhecimento dos sons das vogais considerando o uso social da escrita em rótulos de embalagens.**



Fonte: material produzido no grupo PIBID Alfabetização 2020-2022

Considerando todas essas produções, ao longo do projeto PIBID Alfabetização percebemos que o que estávamos vivenciando era tão abundante que poderia transbordar por meio de uma página criada na rede social Instagram com o intuito de compartilharmos com a sociedade o nosso trabalho.

Dessa forma, divulgávamos na plataforma, através de duas postagens semanais, sugestões de livros de literatura para a infância, essenciais quando falamos de um ambiente alfabetizador para as crianças; dicas de atividades e alguns conteúdos esclarecedores como, por exemplo, sobre a escrita espontânea das crianças e a polêmica que envolve o tipo da fonte das letras mais indicado para o processo inicial de apropriação da escrita. A adesão ao perfil foi muito satisfatória, chegamos a mais de mil seguidores na rede social, pessoas, provavelmente, sedentas pelo tema alfabetização.

**Figura 7: Imagens da página do PIBID Alfabetização UFJF na rede social Instagram**



Fonte: material produzido no grupo PIBID Alfabetização 2020-2022.

Continuando nossa caminhada e inspirados pelo segundo livro que fez parte dos nossos estudos no programa, *Alfalettrar Toda criança pode aprender a ler e a escrever* de Magda Soares, foi proposto pelas supervisoras e coordenadores do grupo que construíssimos sequências de atividades baseadas no gênero parlendas também explorado na obra. As parlendas possuem muitas rimas, características importantes de textos com potencialidade para despertar os pequenos sobre a relação dos sons da fala e a representação gráfica. Além disso, tal atividade oportuniza às crianças conhecerem e se apropriarem de um gênero textual.

Então, ainda reunidos em dois grupos, um sob a orientação da professora Giovana e o outro pela professora e supervisora Silvânia, pensamos em uma sequência de atividades com foco no gênero parlenda, buscando estabelecer uma relação com os objetivos e habilidades propostos pela BNCC para o ciclo de alfabetização.

Assim como na construção dos jogos, as atividades das sequências didáticas foram pensadas tendo em vista tanto o contexto presencial quanto o remoto, elemento que exigiu de

nós, “pibidianos”, um olhar mais apurado para as possibilidades de interação com os alunos e alunas nesta condição.

**Figura 8: Capas das primeiras seqüências didáticas produzidas pelos agrupamentos “Oswaldo Veloso” e “Mariano Procópio”, respectivamente.**

The image shows two covers of didactic sequences. The left cover is for 'Atividade com parlenda' and the right is for 'Aula 1: Introdução'.

**Left Cover: Atividade com parlenda**

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência  
Faculdade de Educação  
Pibid Alfabetização  
Oswaldo Weloso

Seqüência didática

**Atividade com parlenda**

Alunas: Ana Carolina Brunoni Santos, Franciele Dias, Gabriela de Oliveira, Geovana Silvério, Giovanna Tayler, Lorena Heider, Marcelle Aparecida, Maria Bheatriz Galdino, Matheus Abnara, Verônica Tostes.

**Right Cover: Aula 1: Introdução**

Sequência Didática - 1º ano

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)  
BOLSISTAS DA ESCOLA ESTADUAL MARIANO PROCÓPIO

(EF01LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, quadras, quadrinhas, parlendas, trava-linguas, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionando sua forma de organização à sua finalidade.

(EF01LP19) Recitar parlendas, quadras, quadrinhas, trava-linguas, com entonação adequada e observando as rimas.

**Aula 1: Introdução**

- Perguntar para a turma se alguém sabe o que é o gênero parlenda. Exemplificar com a parlenda:
 

"Corre cutia de noite e de dia  
Debaixo da cama da dona Maria  
Corre cipó atrás da vó  
Eu tenho um cachorrinho chamado totó  
Ele pula ele dança de uma perna só  
É um, é dois, é três".

- Nesse momento, as crianças podem formar uma roda e brincar;
- Perguntar se alguém conhece alguma outra parlenda. Se sim, recitar as mais conhecidas com a turma;
- Em seguida, mostrar a parlenda que será trabalhada na SD, e repetir até que as crianças a decorem.

Fonte: material produzido no grupo PIBID Alfabetização 2020-2022.

**Figura 9: Seqüência didática do grupo “Mariano Procópio”, professora Giovana.**

The image shows a page from a didactic sequence with three activities and a reflection section.

**Atividade:**

→ Encontre entre as palavras agrupadas a palavra que não rima, ou seja, que não termine com o mesmo som, e a cora:

Pato Rato Gato Cão

Teclado Computador Jogador Elevador

Coração Degrau Feijão Campeão

**Atividade:**

→ Descubra qual é a palavra que está faltando e complete a parlenda:

Quem vai ao ar  
perde o \_\_\_\_\_

Quem vai ao vento  
perde o \_\_\_\_\_

Quem vai à ribeira  
perde a \_\_\_\_\_

→ Agora, vamos refletir:

1: - Com qual letra começa a palavra "lugar"?  
- Qual a última letra dessa palavra?  
- Quantas letras tem essa palavra?  
- Qual a sua sílaba inicial?  
- Qual a sua sílaba final?

2: - Com qual letra começa a palavra "assento"?  
- Qual a última letra dessa palavra?  
- Quantas letras tem essa palavra?  
- Qual a sua sílaba inicial?  
- Qual a sua sílaba final?

3: - Com qual letra começa a palavra "cadeira"?  
- Qual a última letra dessa palavra?  
- Quantas letras tem essa palavra?  
- Qual a sua sílaba inicial?  
- Qual a sua sílaba final?

**Sequência Didática - 1º ano**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)  
BOLSISTAS DA ESCOLA ESTADUAL MARIANO PROCÓPIO

(EF12LP03) Copiar textos breves, mantendo suas características e voltando para o texto sempre que tiver dúvidas sobre sua distribuição gráfica, espaçamento entre as palavras, escrita das palavras e pontuação.

(EF01LP08) Relacionar elementos sonoros (sílabas, fonemas, partes de palavras) com sua representação escrita.

- Para finalizar a seqüência de atividades, a professora proporá a construção coletiva de um cartaz ou mural da parlenda, a ser exposto em uma área comum da escola, para que outras turmas possam ler e conhecê-la.
- Além do texto, o trabalho contará com ilustrações - a turma será dividida em pequenos grupos, e cada um ficará responsável por representar uma parte da parlenda através de desenho, como forma de estimular a criatividade dos alunos:

- 1- Quem vai ao ar/ perde o lugar;
- 2- Quem vai ao vento/ perde o assento;
- 3- Quem vai à ribeira/ perde a cadeira.

Fonte: material produzido no grupo PIBID Alfabetização 2020-2022

**Figura 10: Imagens da seqüência didática produzida pelo grupo “Oswaldo Veloso” sob responsabilidade da professora supervisora Silvânia**

**2º MOMENTO**

Agora que você já conhece um pouco sobre a parlenda e viu alguns exemplos, vamos observá-la?

**QUEM VAI AO AR PERDE O LUGAR. QUEM VAI AO VENTO PERDE O ASSENTO. QUEM VAI À RIBEIRA PERDE A CADEIRA.**

É possível perceber que algumas palavras terminam com o mesmo som e por isso podemos dizer que elas **rimam**.

**Rima é a repetição, geralmente, da sílaba final das palavras, o que torna o texto divertido e facilita na compreensão.**

**2º MOMENTO**

**CURIOSIDADE:**

VOCÊ CONHECE OS SIGNIFICADOS DAS PALAVRAS DA PARLENDAS?

VOCÊ SABIA QUE PODEMOS RELACIONAR UMAS ÀS OUTRAS? POR EXEMPLO: **CADEIRA, ASSENTO** E **LUGAR** PODEM TER SIGNIFICADOS PARECIDOS. OBSERVE:

- QUAL É A SUA CADEIRA NA SALA?
- QUAL É O SEU LUGAR NA SALA?
- QUAL É O SEU ASSENTO NA SALA?

MUITO LEGAL NÃO É MESMO?!

NA LÍNGUA PORTUGUESA TEMOS VÁRIAS PALAVRAS QUE PODEMOS SUBSTITUIR POR OUTRAS PARECIDAS!

**3º MOMENTO**

**VAMOS JOGAR?**

ACESSE O LINK ABAIXO PARA JOGAR UM JOGO SUPER LEGAL SOBRE AS PARLENDAS:  
<https://wordwall.net/pt/resource/19019303>  
DIVIRTA-SE!

Fonte: material produzido no grupo PIBID Alfabetização 2020-2022

**Figura 11: Imagens da seqüência didática produzida pelo grupo “Oswaldo Veloso” sob responsabilidade da professora supervisora Silvânia.**

**Objetivos:**

- Identificar e reconhecer o gênero textual Parlendas
- Identificar palavras no texto;
- Diferenciar itens que estão presentes no texto dos que não estão;
- Interpretar parlendas;

**Habilidades BNCC**

**(EF12LP18)** Apreciar poemas e outros textos diversificados, observando rimas, sonoridades, jogos de palavras, reconhecendo seu pertencimento ao mundo imaginário e sua dimensão de encantamento, jogo e fruição.

**(EF01LP16)** Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, quadras, quadrinhas, parlendas, trava-línguas, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionando sua forma de organização à sua finalidade.

**(EF01LP05)** Reconhecer o sistema de escrita alfabética como representação dos sons da fala

**(EF01LP08)** Relacionar elementos sonoros (sílabas, fonemas, partes de palavras) com sua representação escrita.

**(EF01LP13)** Comparar palavras, identificando semelhanças e diferenças entre sons de sílabas mediais e finais.

**(EF01LP14)** Identificar outros sinais no texto além das letras, como pontos finais, de interrogação e exclamação e seus efeitos na entonação.

**(EF01LP19)** Recitar parlendas, quadras, quadrinhas, trava-línguas, com entonação adequada e observando as rimas.

Fonte: material produzido no grupo PIBID Alfabetização 2020-2022

Quando estávamos caminhando para o fim do período de dezoito meses estabelecido para o PIBID Alfabetização, realizamos mais um conjunto de propostas de atividades relacionando às reflexões sobre a teoria desenvolvida em grupo com a prática pedagógica. Ao todo foram cinco compilados com opções de atividades para serem desenvolvidas com as/os alunas/os do ciclo de alfabetização e letramento através das seguintes temáticas: letramento literário; produção autoral por parte dos integrantes do PIBID alfabetização de uma obra literária intitulada “A gota” pensada para as reflexões iniciais sobre o sistema de escrita alfabética na educação infantil; sequências didáticas que contemplaram, além dos aspectos da alfabetização, elementos das relações étnico-raciais através dos livros de literatura para a infância “Letras de carvão” de Irene Vasco e Ruan Palomino e “Chuva de manga” de James Runford e; sequência de atividades a partir do texto “Quero colo” de Stela Barbieri e Fernando Vilela conjugando alfabetização com o campo de experiência “escuta, fala, pensamento e imaginação” descrito na BNCC.

**Figura 12: atividades em sequência.**



Fonte: Material produzido no grupo PIBID Alfabetização 2020-2022

**Figura 13: atividades em sequência**



Fonte: Material produzido no grupo PIBID Alfabetização 2020-2022.

A construção de todo o material, desde os jogos até as sequências didáticas foi uma oportunidade muito valiosa de planejarmos como se daria o desenvolvimento de cada atividade junto às crianças. Nesse sentido, nosso grande prejuízo foi não poder vivenciar a realização de todo o trabalho com as/os estudantes nas escolas conveniadas e receber o retorno dos sujeitos para os quais todas as nossas atividades foram hipoteticamente direcionadas, e assim, fazermos uma análise crítica para aperfeiçoamento das propostas realizadas. Fica aqui este registro somente como um apontamento desta parte tão importante do programa que a pandemia da Covid-19 nos tirou.

Boa parte de nossas realizações durante a participação no PIBID Alfabetização foram apresentadas no seminário geral para exposição das produções de todos os subprojetos desenvolvidos no mesmo período na Universidade Federal de Juiz de Fora. O evento foi realizado através do YouTube, no canal PIBID UFJF, durante três dias de apresentações, 16, 17 e 18 de fevereiro de 2022. Em nossa apresentação buscamos compartilhar toda nossa trajetória no subprojeto desde os momentos iniciais, a produção dos materiais didáticos, bem como depoimentos de todo amadurecimento acadêmico e profissional que o programa nos proporcionou.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossa trajetória no PIBID subprojeto Alfabetização iniciou-se com muitas dúvidas, desafios e adaptações impostos pela condição pandêmica que o mundo enfrentava. A proposta do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência que prevê a aproximação dos discentes das licenciaturas do contexto físico das escolas e estudantes da educação básica, não foi possível ser estabelecida.

No entanto, não ficamos alheios ao que estava acontecendo, acompanhamos as dificuldades enfrentadas pelas professoras supervisoras do subprojeto Giovana e Silvânia durante esse período de ensino remoto emergencial nas escolas públicas conveniadas ao programa e juntas/os refletíamos sobre novas possibilidades de ensino e aprendizagem enquanto nos nutríamos através de nossos estudos, discussões, planejamentos e produções de atividades com foco na apropriação do sistema de escrita alfabética pelos alunos/as.

Ao final deste texto, registro que, de tudo vivido e aprendido no decorrer de todo o nosso trabalho no subprojeto “PIBID Alfabetização”, fica latente em meus pensamentos que o

processo inicial de apropriação do sistema de escrita alfabética precisa acontecer da forma mais significativa possível para a criança. Para tanto, é necessário que essa aprendizagem não se estabeleça de uma forma mecanizada, como propõe algumas práticas de alfabetização que reduzem a aprendizagem da língua escrita à decorebas infundáveis.

Sendo assim, o planejamento das ações da/o docente deve levar em conta o que a criança já sabe sobre a escrita e o que ela precisa aprender para avançar, fazendo uso de procedimentos que articulem o ensino explícito do funcionamento do sistema de escrita, que não é inerente à criança, com a função de comunicação e interação social a qual esse sistema se destina: conjugando alfabetização e letramento. Sendo assim, devemos considerar a interdependência desses dois processos (Soares, 2021), em vez de privilegiar um em detrimento ao outro.

Quando falamos em alfabetização e letramento é impossível deixar de mencionar Magda Soares. No ínterim das atividades realizadas no PIBID acompanhamos uma *live* da professora e pesquisadora, sempre cativante e com muito bom ânimo em compartilhar os conhecimentos construídos durante sua trajetória acadêmica e profissional. No evento virtual (Fórum, 2021), Soares falou, dentre outras coisas, sobre a importância de recuperarmos a responsabilidade de que a nossa formação é direcionada para a atuação como professores o que exige estarmos munidos das ferramentas para o desempenho desta função. Perspectiva muito coerente com o que representa o PIBID Alfabetização para as/os bolsistas participantes quando falamos da oportunidade de, ainda na formação inicial, experimentarmos um contato muito próximo com as práticas do professor no âmago da sala de aula.

Pensando nisso, a contribuição do PIBID na formação docente, é incontestável e reforça a relevância da parceria entre as universidades e instituições públicas de educação básica para uma preparação mais efetiva dos profissionais que atuarão na área da Educação. O PIBID Alfabetização representou, para mim, sobretudo, uma bússola com direcionamentos teóricos e práticos que conferem respaldo para as ações pedagógicas diante daqueles que se achegarão a nós como alunos e alunas, lançando fora o medo frente ao desafio da alfabetização e letramento em nosso país.

## REFERÊNCIAS

- APRESENTAÇÃO das produções dos subprojetos. Juiz de Fora: PIBID UFJF, 2022. 1 vídeo de (248 min.). Transmitido ao vivo em 17 de fev. de 2022 pelo canal PIBID UFJF. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5pn1A3A8Bms&t=13385> Acesso em: 13 de mar. De 2022.
- Bíblia Sagrada. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4ª Edição 2009. Barueri –SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011. 1664p.
- BRANDÃO, A. C. P. A.; FERREIRA, A. T. B.; ALBUQUERQUE, E. B. C. de; LEAL, T. F. Jogos de Alfabetização (org.). Jogos de Alfabetização: manual didático. Ministério da Educação/CEEL/UFPE. Pernambuco: Editora Universitária, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Capes/ Pibid. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid> Acesso em 22 de jul. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro Didático – PNLD Pnaic, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnld/pnld-pnaic#:~:text=O%20Pacto%20Nacional%20pela%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o,professores%20e%20das%20escolas%3B%20no> Acesso em: janeiro de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID 19) no Brasil pelo Ministério da Saúde. Brasília, 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em: 11 de julho de 2022.

CORAIS, Maria Cristina. **Alfabetização como processo discursivo: por uma abordagem metodológica**. Tese (doutorado em educação) – Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 389. 2018.

FÓRUM Online de Integração Docente: Balanço de 2020 e perspectivas de 2021. Palestrante: Magda Soares. Belo Horizonte: CAC UFMG, 2021. 1 vídeo (106 min.). Transmitido ao vivo em 03 de fev. de 2021 pelo canal CAC UFMG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4CYKQPxyf0Q&t=4887s>. Acesso em: 03 de fev. de 2021.

G1 SP. Primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta. G1, São Paulo, 26 de agosto de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml> Acesso em 22 de jul. de 2021.

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. Geografia da Infância: reflexões sobre uma área de pesquisa. Juiz de Fora: FEME, 2005.

MORAIS, Arthur Gomes de. Sistema de escrita alfabética. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012. (Como eu ensino)

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. – 7. Ed. – São Paulo: Contexto, 2017. 192 p.

\_\_\_\_\_. Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e escrever. – 1. Ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2021.

WORDWALL – Crie lições melhores mais rapidamente. Disponível em: <https://wordwall.net/pt> Acesso em: 09 de março de 2022.

IIIV Na Roda com professoras – Por uma abordagem discursiva na alfabetização. Palestrante: Angela Vidal Gonçalves. Rio de Janeiro: Na Roda com professoras, 2020. 1 vídeo (129 min.). Transmitido ao vivo em 23 de set. de 2020 pelo canal Na Roda com professoras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eUPY9IWUTnY>. Acesso em: 23 de set. de 2020.

## **ANEXO**

Quadro de propriedades do SEA para ser usado como parâmetro para a análise e escolha dos livros didáticos

### **Figura 14**

**Quadro 1.** Propriedades do SEA que o aprendiz precisa reconstruir para se tornar alfabetizado.

1. Escreve-se com letras que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos;
2. As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças em sua identidade (p, q, b, d), embora uma letra assuma formatos variados (P, p, *P*, *p*);
3. A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada;
4. Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras;
5. Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as letras podem vir juntas de quaisquer outras;
6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem;
7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos;
8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra.
9. Além de letras, na escrita de palavras usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.
10. As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVC, V, VC, VCV, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante-vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal.

Fonte: livro *Sistema de escrita alfabética* – Artur Gomes de Morais